# A MANEIRA DE AMAR

© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
A MANEIRA DE AMAR – AS MULHERES QUE AMAMOS

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2022 (1.ª edição)
Segunda impressão 2026
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.

*Aos que amámos como se amar fosse saber e aos que tiveram de nos ensinar, às vezes indo embora, que nenhuma ternura nos dá o direito de escrever por eles a última frase.*

# Prólogo

Encontrei a folha no fundo de uma pasta, presa entre duas versões do mesmo capítulo e reconheci a letra antes de reparar na tinta, o que talvez prove apenas que conhecemos melhor os gestos alheios quando já passaram a fazer parte dos nossos hábitos, esse género de conhecimento que dá confiança a quem o possui e raras vezes concede direitos sobre quem o inspirou. Eu escrevera ficou. Por cima, numa letra inclinada e firme, lia-se esteve. Olhei para as duas palavras durante bastante tempo, primeiro com a irritação profissional de quem vê corrigido um verbo que funcionava, depois com uma curiosidade de outra espécie, porque o meu verbo oferecia à cena uma duração escolhida e o outro retirava-lhe esse favor e um escritor pode tolerar que lhe mudem a pontuação, sofre um pouco quando lhe retiram uma vantagem.

A mulher entrara numa casa, dormira ali, comera na cozinha, deixara roupa numa cadeira, discutira, rira, desejara, talvez chorara, depois partira e estes factos pareciam sobreviver a qualquer dos verbos, só que os factos, quando se dispõem em fila, adquirem uma educação que nunca tiveram enquanto aconteciam, começam a parecer obedientes, oferecem princípio, meio e fim, aceitam causas que chegaram depois e o narrador, essa criatura prestável quando conta a vida dos outros, aproveita a boa disposição para acrescentar um sentido, depois outro, até a pessoa narrada descobrir que passou a viver numa casa que reconhece e dentro de uma história que deixou de lhe pertencer inteiramente.

Pousei a folha sobre a secretária e fui buscar água. A casa estava desarrumada, livros abertos no sofá, uma chávena junto à janela, papéis empilhados segundo uma ordem que eu compreendia na véspera e que nessa noite me pareceu obra de outro homem, o que também acontece com certas decisões e quase nunca com as contas por pagar. Voltei com o copo na mão e encontrei a página exactamente onde a deixara, circunstância banal que me irritou por uma razão bastante simples: eu esperara, sem o admitir, que a distância de vinte passos tivesse resolvido o verbo por mim.

Sentei-me e li ficou, depois esteve, depois a frase inteira e fui percebendo que ficar continha uma promessa doméstica dessas que ninguém pronuncia e o beneficiário recebe com gratidão, ao passo que estar exigia presença, duração, vontade talvez, cansaço talvez, amor durante o tempo em que o amor conseguira existir naquele lugar e quanto maior era o

cuidado com que eu examinava a diferença, maior se tornava a evidência de que escolhera a palavra que melhor me tratava. Um escritor aprende cedo a defender o ritmo. Aprende bastante mais tarde a perguntar quem paga por ele.

Peguei na caneta. A correcção deixara a minha palavra legível sob o risco e achei nesse cuidado uma provocação, embora pudesse ter sido apenas economia de tinta, hipótese humilhante para quem prefere imaginar que até os traços feitos contra si transportam intenção. A ponta tocou no papel e ficou ali. Bastaria copiar a página, escolher a minha versão, guardar a outra numa pasta e eu continuaria a poder dizer, com perfeita compostura, que conhecia ambas. Certas formas de honestidade servem de álibi com uma eficácia admirável, sobretudo quando o homem encarregado de as certificar coincide com o homem que beneficia delas.

Reparei então nas outras marcas. Uma seta deslocava um parágrafo. Um círculo devolvia uma frase ao nome de quem a pronunciara. Na margem, três palavras tinham sido acrescentadas sem explicação e foi essa falta de comentário que mais me incomodou, porque eu queria saber a que passagem se referiam, quem recordava melhor, qual versão devia cair, qual podia permanecer, perguntas úteis para ordenar páginas e perigosas quando começam a pedir autoridade sobre a memória de outra pessoa.

Procurei a passagem provável e encontrei três possibilidades. A primeira favorecia-me. A segunda deixava-me mal. A terceira parecia inocente, motivo suficiente para desconfiar da minha preferência por ela, já que os escritores têm grande talento para instalar uma inocência conveniente no lugar onde o leitor possa repousar antes de continuar. Li as três em voz alta, apaguei uma palavra, repus outra, fui à janela, regressei à cadeira e em todo esse trabalho surgiu uma suspeita incómoda: talvez aquelas três palavras recusassem precisamente o exercício a que eu me entregava, o de converter uma correcção curta numa licença para completar o pensamento de quem a fizera.

Deixei a nota intacta e voltei ao verbo. Risquei ficou até o traço vencer a tinta e escrevi esteve numa cópia limpa. A frase perdeu a pequena promessa que eu lhe dera por minha conta; continuavam ali uma mulher, uma casa, alguns dias e uma partida, além de um homem que escrevia depois, quando já conhecia o desfecho de certas coisas e podia arrumá-las com a serenidade de quem chega tarde à desordem e ainda se oferece para explicar onde cada objecto devia ter sido colocado.

Fechei a pasta, alinhei as folhas e tornei à primeira página. Lá fora, um carro passou na marginal, depois outro e o rio devolveu as luzes partidas das duas margens sem pedir opinião a ninguém. A história começava com

uma porta fechada. Eu sabia quem estava de cada lado, sabia a hora aproximada, lembrava-me da chuva, do casaco, da primeira pergunta e toda essa abundância parecia suficiente até eu tornar a olhar para a folha corrigida e perceber que recordar uma cena podia ser apenas o princípio do trabalho, nunca a garantia de ter compreendido a pessoa que a viveu comigo.

Coloquei a folha sobre o resto. Apaguei o candeeiro. Antes de fechar a pasta, li uma última vez a anotação na margem, escrita em minúsculas, sem ponto final: “não foi assim”

# 1

## *O CASACO*

Vila Nova de Gaia, casa do Octávio

Quando abri a porta, a Chiara Tronchetti Provera tinha uma mão apoiada na parede do patamar e a outra metida no bolso do meu velho casaco. A água caía-lhe do cabelo para a gola. O casaco, largo nos ombros dela, estava escuro de chuva até aos cotovelos. Reconheci primeiro a dobra da lapela, depois o bolso esquerdo, onde durante anos levara um lenço de linho branco dobrado em quatro, numa época em que ainda precisava que a elegância se visse.

O táxi arrancou lá em baixo. Ficou no patamar o cheiro que ela trazia: pele molhada e tabaco alheio. O motorista devia ter fumado dentro do carro. Qualquer entrada que eu pudesse ter preparado para a Chiara, se soubesse que vinha, teria sido derrotada por aquele cheiro.

— Vais deixar-me aqui?

Afastei-me. A Chiara entrou, tirou um sapato com o outro pé e deixou duas marcas de água no soalho.

— De onde vieste?

— Da rua, Octávio.

— Refiro-me ao que veio antes da rua.

— Milão, obviamente.

Entreguei-lhe uma toalha. Ela esfregou o cabelo, passou os olhos pela sala e encontrou a chávena, os livros abertos, uma meia junto ao sofá e as folhas do manuscrito espalhadas sobre a mesa. A casa tinha a desordem de quem esperava passar a noite sozinho e fora apanhado em falta.

— Estás encharcada. Seca-te.

Fui procurar uma camisa seca no quarto. A Chiara apareceu à porta com o cabelo apertado na toalha e a camisola húmida ainda vestida. Estendi-lha.

— Põe isto.

— Depois. Tenho fome.

— Vieste de Milão assim?

Apanhou a camisa, dobrou-a uma vez e pousou-a sobre a cómoda.

— Vim de carro desde o aeroporto. Molhei-me aqui.

— Sabes o que te perguntei.

— Sei.

Seguiu para a cozinha. Abriu o frigorífico sem cerimónia e tirou meio queijo, duas peras, uvas e o pão comprado na véspera. Deixou a manteiga. Eu fui buscar uma tábua e uma faca. Ela preferiu comer de pé. Também fiquei de pé, diante dela, a fingir que aquela escolha me dava uma resposta.

O casaco repousava numa das três cadeiras. A cadeira junto à janela acumulava livros. Na terceira estava o manuscrito, com a caneta atravessada sobre a página onde eu parara.

Tentei torrar duas fatias. A resistência acendeu de um lado e apagou-se com um estalido. A Chiara viu-me virar a torradeira, bater-lhe com a palma da mão e tentar outra vez.

— Ainda tens isto?

— Funciona quando é respeitada.

— Há seis meses disseste exactamente a mesma coisa.

Riu-se com a boca cheia de pão. A torradeira soltou um fio de fumo. Desliguei-a. A Chiara afastou a tábua para salvar o queijo e curvou-se sobre a mesa, ainda a rir.

— Ofereço-te uma nova.

— Recuso presentes humilhantes.

— Então ofereço-te fogo. O fogo tem dignidade.

— Fica caro no seguro.

Cortei uma pêra em quatro. A Chiara comeu dois pedaços, deixou os outros no prato e foi ao termóstato. Rodou-o dois graus para cima.

— Vais ficar até de manhã?

— Já é manhã.

— Até haver luz.

Voltou ao pão. As mãos trabalhavam sem descanso. Partia o miolo em pedaços pequenos, comia alguns, juntava outros numa linha junto à tábua. Esperei. Ela indicou o queijo com a faca.

— Isto é português?

— Sim.

— Está óptimo.

— Chiara.

— O queijo, Octávio. Estou a elogiar o queijo.

O manuscrito escorregou da cadeira quando procurei um pano para limpar a água deixada pelo casaco. A Chiara apanhou as folhas. Reconheceu a passagem pela primeira linha e ficou de pé a lê-la. Eu conhecia a página: Tremezzo, a suite Greta, a janela aberta sobre o lago, uma frase em que lhe atribuía a decisão inteira daquela noite.

— Ainda estás a escrever isto assim?

— Assim como?

Leu em voz alta:

— "A Chiara reunira-nos para descobrir se a felicidade podia sobreviver à culpa." — Pousou a folha. — Eu disse-te isso?

— Não pus entre aspas.

— Ah. Então está resolvido.

Tirou a caneta de cima das páginas e riscou uma linha curta na margem, sem escrever palavra. Voltou à passagem, leu duas frases e abanou a cabeça.

— Dás-me uma intenção que fica bonita no teu livro.

— Tremezzo aconteceu.

— Claro que aconteceu. Depois arrumaste tudo.

— Há coisas de que tenho memória certa.

A Chiara pousou a caneta. O cansaço tirara-lhe vontade de discutir.

— Quantas coisas chamas certas porque as escreveste primeiro?

O radiador começou a estalar. Ela levou o prato à banca, abriu a torneira e lavou a faca. Eu podia ter voltado a Milão, ao pai, à viagem sem aviso, à razão de trazer um casaco que guardara durante anos. Sequei a tábua e guardei o queijo. Sempre reconheci uma fuga depressa; isso nunca me impediu de a aceitar quando a alternativa podia afastar alguém.

— Há café — disse eu.

— Quero dormir.

Fui buscar outra toalha. A Chiara deixou que lhe secasse o cabelo na cozinha, primeiro impaciente, depois com a cabeça inclinada. Os fios pretos enrolavam-se nos meus dedos. A respiração continuava rápida, apesar de o frio já ter cedido. Quando lhe toquei no pescoço, senti o pulso vivo sob a pele.

— Aconteceu alguma coisa?

Tirou-me a toalha das mãos.

— Acontecem sempre coisas.

— Com o teu pai?

— Octávio.

Encostou a testa ao meu ombro, segurando a toalha junto ao peito. Passei-lhe os braços pela cintura. A camisola húmida arrefecia através da minha roupa.

— Podes ficar.

— Eu sei.

— O tempo que quiseres.

— Estás com medo.

— Tenho uma torradeira avariada. Preciso de compaixão.

A piada morreu ali. A Chiara afastou-se, levou uma mão à cara e esfregou os olhos. Tinha as unhas curtas, sem verniz e um pequeno corte junto ao polegar. Peguei-lhe na mão. Ela deixou-me ver o corte e retirou-a quando procurei o desinfectante.

— Foi uma caixa.

— Que caixa?

— Uma caixa com arestas, Octávio.

Fui fechar as cortinas da sala, verifiquei a porta e levei o casaco para junto do aquecimento. A Chiara seguiu-me pelo corredor, já sem a toalha na cabeça. Recusou a camisa outra vez e entrou no quarto com a roupa húmida colada ao corpo.

— Vais dormir assim?

— Vou tirá-la.

Fechou-me a porta. Ouvi gavetas e, durante alguns segundos, tentei identificar outro ruído, parecido com um fecho a correr. Ela não trouxera mala. Depois reconheci a madeira da cómoda. Procurava roupa minha.

Quando entrei, usava uma camisola de algodão e tinha deixado as peças molhadas sobre uma toalha no chão.

— Essa camisola encolheu.

— Tens os ombros convencidos.

— Os ombros são inocentes.

— Dorme.

Deitou-se do lado onde costumava dormir, embora nunca tivesse vivido naquela casa. O hábito vinha de visitas espaçadas e de uma intimidade que adquirira preferências sem alcançar rotina. Apaguei a luz. A chuva batia no vidro a intervalos, empurrada pelo vento do rio.

A Chiara virou-se para mim e beijou-me. A boca sabia a pêra e queijo. Beijou-me outra vez, devagar, com a mão na minha nuca. Quando procurei aproximar o corpo, colocou a palma no meu peito.

— Dormir.

— Está bem.

— Não faças essa voz.

— Qual?

— A de ferido.

Afastei a mão da cintura dela. A Chiara puxou-a de volta e colocou-a sobre o ventre, por cima da camisola.

— Aqui podes.

Deitámo-nos assim. O corpo dela foi perdendo a rigidez. A respiração encontrou um ritmo fundo. Eu continuei acordado, atento ao calor reunido debaixo do edredão e ao cheiro do meu sabão na camisola que ela vestira.

Não havia mala no corredor. Talvez o táxi tivesse partido. Talvez estivesse outro carro à espera. Pensei que alguém decidido a partir dormiria de forma diferente. A ideia agradou-me, por isso deixei-a ficar.

Acordei com a Chiara a sair da cama. O quarto tinha a claridade cinzenta que antecede o amanhecer. Ela vestiu a roupa ainda húmida e apertou o cabelo num nó. Sentado na cama, vi-a calçar-se sem acender a luz.

— Fica para o pequeno-almoço.

— A tua torradeira precisa de repouso.

— Posso fazer café.

— Podes dormir.

Na cozinha, enfiou os braços no casaco. Conservou-o vestido cerca de um minuto, a olhar para a janela fechada e tornou a tirá-lo. Dobrou-o com cuidado sobre a cadeira que ficara vazia. Só então reparei na pasta estreita que até ali estivera escondida debaixo dele. A Chiara tornou a colocar o casaco por cima e alinhou as pontas.

— É para mim?

Encolheu os ombros.

— O que tem lá dentro?

— Estás a fazer duas perguntas.

— Responde a uma.

A Chiara passou a mão pelo cabelo preso, verificou os sapatos e olhou para o relógio.

— Tenho de ir.

— Acompanho-te.

— Não.

A palavra saiu depressa. Aproximou-se, corrigiu a gola da minha camisa e beijou-me junto à boca. O polegar tocou-me no pescoço. Abri a porta.

No patamar, a Chiara premiu o botão do elevador e fixou o visor, onde os números subiam devagar. Tinha deixado o casaco e recusara a camisa; a camisola húmida voltava a colar-se-lhe às costas.

— Telefona quando chegares.

— Dorme, Octávio.

— A Milão?

Ela premiu outra vez o botão já aceso.

— Dorme.

O elevador abriu. Entrou sem o casaco e sem a pasta. Vi as portas fecharem-se sobre os sapatos ainda escuros de chuva.

Podia ter descido. Podia ter perguntado, com palavras simples, o que viera fazer à minha casa. Fiquei no patamar, fiel ao espaço que julgava ter-me pedido.

Ouvi o elevador chegar ao rés-do-chão. Depois veio o ruído breve da porta da rua, o motor do carro que esperava, a água dos pneus sobre a calçada. Quando tudo cessou, voltei para a cama. Deixei a pasta fechada debaixo do casaco.

# 2

## *DEPOIS DAS SETE*

Vila Nova de Gaia e Porto

Acordei às sete e doze com o braço estendido sobre o lugar vazio. A camisola que a Chiara usara estava dobrada aos pés da cama. As roupas molhadas tinham desaparecido, a toalha ficara no chão e o termóstato continuava dois graus acima da minha escolha.

Na cozinha, a pasta formava um relevo sob o casaco. Pus água a aquecer e abri as cortinas. A rua ainda brilhava da chuva. O carro já partira. Havia uma chávena limpa no escorredor. A Chiara bebera água antes de sair, talvez tivesse lavado a chávena sem a usar. Àquela hora, os pormenores domésticos já começavam a depor.

Liguei-lhe. O telefone chamou até a ligação cair. Enviei uma mensagem curta: "Chegaste?" Evitei escrever Milão. Também deixei de fora "fala comigo".

Abri a pasta.

Continha seis páginas do meu manuscrito, presas por um clipe e uma fotografia pequena. Nenhuma carta, endereço ou indicação de viagem. As páginas pertenciam à parte de Tremezzo. Havia correcções a tinta preta e a lápis azul. Reconheci na tinta a letra da Chiara. No lápis, a pressão variava; certas letras nem sequer tinham a mesma forma.

Uma data estava cortada. Junto a uma porta que eu descrevera fechada, alguém escrevera "aberta". Uma seta deslocava a Irene da cama para a janela. Na margem direita da quinta página, três palavras inclinavam-se para baixo: "não foi assim".

Reli o parágrafo. Eu descrevera a Chiara a preparar os três copos e atribuía-lhe uma frase sobre a Cecilia. A nota podia referir-se ao gesto, à frase, à sequência ou à intenção. A margem acabava antes de esclarecer.

A fotografia mostrava duas crianças num jardim. Reconheci primeiro a Cecilia: loira, comprida, inclinada para a frente, com um joelho sujo. A Chiara estava atrás, morena, o cabelo preto preso por uma fita. O lado direito fora cortado à tesoura. Restava uma mão pousada no ombro da Chiara, separada do braço e do corpo.

Virei a fotografia. O verso estava vazio. O corte atravessava a relva e uma faixa clara de parede. A Cecilia ocupava o primeiro plano; a Chiara surgia meio passo atrás, sob a mão de alguém que já não cabia na imagem.

Coloquei-a ao lado das páginas e fui buscar o casaco. Os bolsos estavam vazios. Na zona inferior do forro, perto da costura lateral, encontrei a linha irregular que eu próprio passara em Tremezzo. Reconheci os pontos largos e o nó escondido sem perícia. Passei o polegar por cima. O tecido cedeu.

Deixei o casaco na cadeira. Não desfiz a costura.

Às oito e cinco apareceu uma nota da Fondazione na área pública onde se anunciavam reuniões e alterações de agenda. Informava que a Chiara faltara a dois encontros marcados para essa manhã. A instituição trataria o assunto como privado e manteria os trabalhos previstos.

Usei os outros números que já conhecia: o italiano, o reservado às viagens e um terceiro guardado há anos. Em todos, a chamada terminou sem ligação. Não deixei gravações. Ouvir a minha preocupação repetida pela própria voz teria servido principalmente a mim.

O nome da Cecilia estava nos contactos recentes. Toquei-lhe com o dedo e afastei a mão. Ela conhecia partes da Chiara às quais eu nunca tivera acesso. O meu primeiro impulso foi servir-me desse conhecimento. Desta vez parei antes de ligar.

Vesti-me, guardei as seis páginas e a fotografia na pasta e saí. A chuva reduzira-se a gotas miúdas. Desci a rua sem destino útil, comprei pão apesar de ainda ter pão em casa e atravessei o tabuleiro inferior a pé. O Douro vinha castanho e rápido. Nos passeios, quem ia trabalhar desviava-se de mim com a irritação reservada aos homens sem urgência à hora dos outros.

Parei num café já no Porto. Pedi café e fiquei junto ao vidro, com a pasta sobre os joelhos. Tirei a fotografia, tornei a guardá-la. Abri o manuscrito na quinta página. “Não foi assim.” A frase ganhava força por lhe faltar objecto.

Às dez e vinte e três, ligou-me um assistente da Fondazione. Falava português com esforço e preferiu passar ao italiano.

— O senhor Viana esteve com a Chiara esta noite?

— Esteve em minha casa. Saiu cedo.

Ouvi folhas a serem movidas e uma voz distante a pedir uma assinatura.

— Ela tinha um compromisso às dez. Um compromisso pessoal. Também faltou.

— Com quem?

— Não posso dizer.

— Sabe onde está?

— Se soubesse, não lhe telefonava.

A frase perdeu firmeza no fim. Perguntei se o Provera fora informado.

— As pessoas necessárias estão ao corrente.

— A Chiara desapareceu?

— A Fondazione não usa essa palavra. A senhora Chiara não compareceu. É o que temos.

— A três compromissos.

— Sim.

Uma mulher chamou-o ao fundo. Ele tapou o auscultador, respondeu-lhe e voltou a pedir que eu avisasse caso a Chiara me contactasse. Repetiu o pedido com uma cortesia mais cuidadosa. Tentei saber a natureza do compromisso das dez.

— Era pessoal, senhor Viana.

— Isso já disse.

— Então compreendeu.

Desligou.

Até essa chamada, eu encaixara as faltas numa disputa com o Provera. A Chiara sabia castigar instituições retirando-lhes presença e sabia ferir o pai sem lhe dirigir palavra. O compromisso das dez estragou essa explicação. Alguém fora da Fondazione ficara à espera dela.

Abri a pasta sobre a mesa. A mão cortada tocava o rebordo do pires. A Cecilia avançava no primeiro plano da fotografia; a Chiara ficava atrás, sob uma mão sem dono. Nas páginas, outras mãos contrariavam a versão que eu escrevera.

Juntei a fotografia à quinta página. Nenhum dos objectos continha instruções. Ainda assim, li neles uma direcção: regressar à história da Chiara, descobrir quem corrigira o quê, perceber por que razão ela me entregara precisamente aquelas páginas.

Tirei o caderno do bolso do casaco que vestira para sair. Abri-o numa página nova e escrevi: “Tremezzo”.

# 3

## *QUARTO GRETA*

Grand Hotel Tremezzo, suite Greta, Lago de Como

A Irene Cattani pousou o saco de trabalho junto à porta da suite e avisou que ninguém lhe tocava. Trazia calças pretas, botas rasas e uma camisola escura com pó no ombro. O cabelo estava preso à pressa. Vinha de um ensaio técnico no hotel, depois de várias horas a corrigir posições de luz e cabos e ainda tinha a credencial pendurada ao pescoço.

— Posso tirar isto ou vão pedir-me que volte lá abaixo?

A Chiara fechou a porta.

— Podes tirar.

— A credencial. Estou a falar da credencial.

A Irene guardou-a no bolso exterior do saco. Lá dentro vi uma muda de roupa de trabalho, fita adesiva, luvas e uma lanterna pequena. Fechou o fecho e empurrou o saco contra a parede, fora do caminho.

Na mesa baixa havia uma garrafa e três copos. A Chiara pedira ao serviço que preparasse a suite para receber três pessoas. Percebi-o quando a Irene contou os copos, encarou a Chiara e soltou uma gargalhada breve.

— Pediste três.

— Pedi copos.

— Três.

— Sei contar.

A Chiara serviu vinho. A Irene recusou e pediu água; tinha de verificar uma montagem cedo. A Chiara telefonou para o serviço, ouviu uma explicação demasiado longa sobre o horário nocturno, desligou a meio e abriu o minibar. Entregou-lhe uma garrafa.

Eu bebia junto à janela. Da suite Greta via-se o cais e uma faixa de luz sobre o lago. No vidro, as nossas formas sobrepunham-se à escuridão: eu afastado, a Chiara descalça no tapete, a Irene junto à porta. O meu casaco estava dobrado no braço de um cadeirão.

— Se estás cansada, dorme aqui — disse a Chiara.

— Tenho quarto.

— Eu sei.

A Irene bebeu água. A Chiara aproximou-se e retirou-lhe do cabelo um grampo preso de lado. Fez isso com uma familiaridade começada fora

daquela suite. A Irene deixou-a mexer e depois segurou-lhe o pulso. Nenhuma procurou a minha reacção.

Eu já as vira desejar-se: a mão da Chiara demorando-se nas costas da Irene ao passarem uma porta, certos olhares em jantares, a secura da Irene sempre que a Chiara pagava alguma coisa sem consultar ninguém. A irritação fazia parte da proximidade delas. Eu tinha acesso aos sinais, não à história.

A Chiara beijou a Irene junto à face. A Irene virou a cabeça e recebeu-lhe a boca. O beijo foi curto. Quando terminou, continuou a segurar-lhe o pulso.

— Isto estava previsto?

— A possibilidade.

— Por ti.

— Sim.

A Irene indicou-me com a garrafa de água.

— E ele?

— Estou aqui — disse eu.

— Estou a ver.

A Chiara afastou-se um passo. Perdera a rapidez com que costumava ordenar quartos, refeições e pessoas. Sentou-se na borda da cama e tentou desapertar a pulseira. O fecho prendeu-se. A Irene acabou por lha tirar.

— Posso ir embora — disse eu.

Eu desejava ficar e entregava-lhes a tarefa de me mandar sair. A Irene enfiou a pulseira no bolso da camisa da Chiara.

— Podes. Também podes ficar quieto dois minutos.

Fiquei.

A Irene foi à janela. Abriu-a poucos centímetros. Entraram o ar frio, o cheiro da água e o ruído abafado de uma embarcação ao longe. Apoiou as mãos no parapeito. A Chiara permaneceu sentada. Eu fiquei junto à mesa, diante do terceiro copo vazio.

A Irene podia recolher o saco, atravessar o corredor e descer para o quarto onde deixara o resto das coisas. A porta estava livre. Ninguém se aproximou dela. Bebi um pouco de vinho; o copo bateu na mesa com um ruído que me irritou.

A Irene fechou a janela. Ao regressar, tirou as botas e alinhou-as junto ao saco.

— Fico. Se quiser parar, digo.

— Sim — disse a Chiara.

— Octávio?

— Sim.

— Se algum de vocês quiser parar, fala. Não façam caras. Falem.

A Chiara tentou sorrir.

— Que caras?

— Essa já serve.

A Irene aproximou-se e desabotoou-lhe a camisa até meio. Parou. A Chiara levantou-se, pousou-lhe as mãos na cintura e esperou. A Irene retomou o beijo.

Eu conhecia o corpo da Chiara. Nunca a vira aguardar daquela maneira. Da Irene conhecia pouco. Quando me aproximei, ela colocou uma mão no meu peito.

— Devagar.

— Está bem.

— Isso é devagar?

Eu limitara-me a afastar-lhe uma madeixa da face.

— Posso voltar a ficar quieto.

— Não abuses.

A Chiara riu-se. A Irene tocou-me na mão e conduziu-a até à sua cintura. Mantive-a ali. Foi ela quem diminuiu a distância.

A memória guardou pormenores sem lhes conservar uma ordem segura: a pulseira da Chiara a cair do bolso sobre o tapete; a marca vermelha da credencial no pescoço da Irene; o vinho intacto no terceiro copo; a janela embaciada; a camisola de trabalho dobrada pela própria Irene e colocada sobre o saco. Recordo perguntas simples, algumas desajeitadas.

— Assim?

— Espera.

— Aqui?

— Sim.

— Queres?

— Quero.

A Chiara tinha a pele quente e as mãos frias. Beijou a Irene no ombro, depois na boca e recebeu dela uma impaciência sem cerimónia. Entre ambas havia reconhecimento. Eu participava fora do centro. A posição dava-me prazer e trouxe também um ressentimento pequeno, que escondi de mim próprio.

Quando a Irene me beijou, observou-me primeiro a poucos centímetros. Tocou-me no rosto, passou o polegar pela barba e perguntou:

— Continuas aqui?

— Continuo.

— Isso vejo.

— Quero ficar.

Ela assentiu e puxou-me pela camisa. A Chiara afastou-se para nos dar espaço. Logo depois, a Irene procurou-a com a mão e trouxe-a para perto. Cada movimento obrigava os outros dois a ajustar o corpo e a escolha. Houve cotovelos mal colocados, um joelho preso no lençol e uma gargalhada quando a Chiara se sentou sobre o comando das cortinas e deixou a suite às escuras.

— Muito elegante — disse a Irene.

— Culpa do hotel.

— Claro.

Acendemos o candeeiro junto à cama. A luz vinha de baixo e estragava qualquer composição bonita. Via a cicatriz fina na perna da Chiara, as marcas das botas nos tornozelos da Irene, a minha camisa no chão com uma manga virada para dentro. A Irene perguntou outra vez se estava tudo bem. A Chiara respondeu primeiro. Eu respondi depois.

Pensei na Cecilia quando a mão da Chiara encontrou a minha na cama. O nome surgiu inteiro, acompanhado pela memória do corpo dela e pela traição que eu estava a executar. Tentei usar o pensamento como prova de consciência. Continuei.

Depois, a Irene levantou-se para beber água. Não se cobriu à pressa nem se demorou diante de nós. Bebeu de pé, verificou as horas e ligou o alarme no telefone.

— Tenho de estar lá em baixo às sete.

— Mando levar-te o pequeno-almoço — disse a Chiara.

— Como com a equipa.

A Chiara assentiu. Recolheu a pulseira do tapete e deixou-a na mesa. A Irene voltou para a cama, agora do meu lado e perguntou onde estava o grampo. Encontrámo-lo debaixo de uma almofada. Ela prendeu o cabelo sem se levantar.

— Se alguém ressonar, vou para o meu quarto.

— O Octávio ressona — disse a Chiara.

— Calúnia.

— Já ouvi.

A Irene fechou os olhos. A Chiara ficou deitada de costas, com um braço por cima da cabeça. A certa altura, os dedos delas tocaram-se sobre o lençol. Adormeceram com o saco de trabalho junto à porta e os três copos ainda na mesa.

Eu continuei acordado. O quarto aquecera demasiado e cheirava a vinho, pele e tecido húmido trazido do corredor. A cortina deixava entrar uma linha de luz exterior. Ouvi o alarme de outro quarto, distante e o elevador parar no andar.

Levantei-me. Vesti as calças e a camisa, peguei na chave da suite e no casaco. A Irene abriu os olhos.

— Onde vais?

— Apanhar ar.

— Leva a chave.

Mostrei-lha. Ela tornou a fechar os olhos.

No corredor, calcei os sapatos encostado à parede. Desci pelo elevador e atravessei o átrio, onde um empregado organizava jornais ainda por distribuir. Ao passar, ele levantou a cabeça, viu a chave na minha mão e prosseguiu o trabalho.

No exterior, o frio entrou pelo casaco. Caminhei até ao cais. A água batia sob as tábuas. Havia um carrinho de serviço junto ao acesso, coberto com uma lona, usado durante o dia para transportar caixas e roupa. Uma ponta soltara-se e batia na estrutura metálica. Prendi-a para acabar com o ruído.

Na face inferior da pega encontrei um pequeno disco negro fixado por adesivo. Tinha o tamanho de uma moeda grossa, uma ranhura lateral e um número minúsculo. Chamei-lhe marcador desde essa noite, embora ignorasse a função. Podia pertencer ao hotel, ter sido esquecido por um técnico ou servir para localizar o carrinho.

Descolei-o com a unha. O adesivo resistiu e deixou uma película na pega. Em vez de voltar ao átrio e entregá-lo, fechei-o na mão. Disse a mim próprio que queria vê-lo com luz. A posse agradava-me. A Chiara e a Irene dormiam sem conhecer aquele objecto.

Junto à entrada lateral havia um banco protegido do vento. Sentei-me e abri o casaco. Ao preparar a viagem, colocara no bolso interior um pequeno estojo de costura; o forro começara a soltar-se numa zona baixa e eu tencionava repará-lo. Tirei a agulha, a linha escura e um dedal que não soube usar.

Com a ponta da chave desfiz quatro pontos da costura lateral. O tecido abriu o suficiente. Empurrei o disco para dentro do forro e senti-o descer até à bainha. Enfiei a linha na agulha à terceira tentativa. Os pontos saíram largos e inclinados, indignos de um casaco que sempre mantivera bem cuidado. Piquei o indicador e limpei a gota de sangue ao lenço.

A Chiara estava a poucos minutos, a Irene junto dela. Eu podia subir, acordá-las e mostrar o que encontrara. Enfiei o último ponto, fiz um nó e cortei a linha com os dentes.

A lona continuava presa. O carrinho ficou no cais. Fechei o casaco sobre a costura irregular, guardei a chave e regressei à suite Greta.

# 4

## *A RECOLHA*

Vila Nova de Gaia, prédio do Octávio e rua

Eu separava as seis folhas quando tocaram à campainha. O retrato das duas crianças já se encontrava dentro da capa de cartão. Faltava prender o conjunto e decidir onde o esconder. Cobri-o com um jornal e fui atender.

Do outro lado encontrava-se um homem de blusão azul, com um terminal numa mão e uma mochila achatada. Respirava pela boca, decerto por ter subido depressa. Indicou o meu nome no visor.

— Venho recolher a pasta deixada pela senhora Chiara Tronchetti Provera. Foi entregue por engano.

Mantive a entrada reduzida à largura do meu corpo.

— Ela entregou-ma pessoalmente.

O homem percorreu o visor com o dedo.

— A indicação que tenho é recolher o volume.

— Quem deu a indicação?

— A empresa passou-me o serviço. Tenho outra recolha às seis.

— Mostre-me a identificação.

Abriu uma carteira presa ao cinto e exibiu uma credencial. O plástico trazia o seu retrato, um código, o nome da empresa e validade em curso. Parecia regular. Copiei o nome da empresa num sobrescrito que repousava no aparador.

— Preciso que confirme o volume — disse ele.

— E eu preciso de saber quem o contratou.

Consultou o terminal. Leu de novo e mudou a formulação.

— Aqui diz “material da senhora”. Um volume documental.

— Que senhora?

Mostrou-me o campo. A expressão surgia isolada. A morada incluía o andar certo; a ordem constava como activa e paga.

— Ligue para a central. Eu espero em baixo. Se recusar, tenho de registar.

— Registe que pedi a identidade do cliente.

— Ponho nas observações.

Chamou o ascensor e acompanhei-o na descida. Ele ampliou um mapa, verificou uma lista de moradas e respondeu a uma mensagem. Tinha as

unhas roídas e uma queimadura recente no punho do blusão. No átrio, sentou-se no banco de madeira, com a mochila aos pés.

Usei o contacto impresso na credencial. Atendeu uma operadora de voz fatigada. Dei-lhe o código e confirmei a morada.

— A ordem está activa, senhor Viana. Um volume documental.

— Quem a solicitou?

— A ficha omite o cliente de origem.

— E quem pagou?

— O pagamento foi validado. Posso abrir um esclarecimento interno.

— Em nome de Chiara Tronchetti Provera?

Ouvi teclas. Pediu-me que repetisse o apelido.

— Esse nome não consta do campo que vejo.

— O estafeta veio recolher material dela.

— Tenho "material da senhora". É a instrução transmitida à rota.

O homem acompanhava a conversa, batendo com a credencial na coxa. Quando pronunciei o nome da Chiara, consultou as horas.

— Quem consegue ver o cliente?

— A equipa de origem. Pode levar dois dias úteis.

— O volume permanece comigo.

A operadora pediu para falar com o estafeta. Ele levantou-se, disse o código pessoal, ouviu-a e devolveu-me o aparelho.

— Quer assinar a recusa?

— Recuso entregar. Não assino.

Encolheu os ombros e escreveu no terminal. No visor surgiu "destinatário recusa entrega". Pedi-lhe que registasse o motivo. Explicou que o menu tinha opções fixas e abriu as observações.

— "Solicita dados do cliente." Serve?

— Serve para o seu registo.

A operadora forneceu-me uma referência, que anotei no sobrescrito. O homem arrumou o terminal e permaneceu no banco. Entrou uma vizinha com sacos de compras; ele levantou-se para a deixar passar, retomou o lugar e consultou o mapa. Teria sido mais fácil suspeitar dele se mostrasse insolência. Parecia apenas atrasado.

Poucos minutos depois, pôs a mochila às costas.

— Tenho de seguir. Se houver nova instrução, contactam-no.

— De quem?

— Da central.

Saiu. Esperei junto às caixas do correio. Através da vidraça da entrada, vi-o caminhar até uma carrinha branca estacionada na esquina. Junto à

traseira, fez uma chamada e falou pouco. O trânsito cobriu as sílabas. Entrou na carrinha e arrancou.

Subi pelas escadas. A polícia receberia de mim uma empresa real, uma credencial regular e uma encomenda mal instruída. A Fondazione receberia a descrição exacta daquilo que eu conservava. Evitei as duas vias.

Na arrecadação, abri uma mala rígida usada para transportar livros durante mudanças. Depositei o retrato e os fólios sob dois catálogos, prendi as correias e rodei os fechos. A capa de cartão regressou vazia a casa, dentro de um saco de compras.

Desci à garagem. O casaco que a Chiara deixara encontrava-se no porta-bagagens. Passei a mão pelo cerzido e acomodei a peça sob uma manta limpa. Conservei comigo o sobrescrito onde anotara a empresa e a referência.

A ordem podia ter nascido de um engano ou de uma instrução mutilada ao longo do percurso. Preferi acreditar que a Chiara me confiara matéria que outra pessoa desejava recuperar. Assim, eu tinha um papel.

Ao volante, escrevi no sobrescrito: “Sabiam que ela me entregou o volume.” Tranquei a mala na arrecadação e saí com o casaco no automóvel.

# 5

## *IRENE CATTANI*

Porto e Milão, teatro em montagem

— A torre da esquerda está três centímetros fora. E o cabo cinzento passa para o outro lado. Para o outro lado, por favor.

A Irene Cattani atendeu assim. Durante uns segundos tomou-me pela chefia de produção. Eu ouvira a mesma indicação nas mensagens que deixara no contacto particular. Ela só atendeu quando usei um número profissional guardado desde Tremezzo.

— Irene, sou eu.

— Quem?

— Octávio.

Ao fundo, metal bateu em metal. Uma voz masculina repetiu "três centímetros?" e a Irene tapou mal o microfone.

— Três. Não trinta. Prendam o cabo.

Dirigiu-se a mim.

— Estou numa montagem.

— Percebi.

— Pelas mensagens, pensei que houvesse um incêndio.

Eu encontrava-me no automóvel, estacionado junto ao prédio. O casaco permanecia no porta-bagagens. Subira uma vez a casa, incapaz de abandonar ali a peça e descera logo. A capa de cartão vazia seguia no assento do passageiro.

— A Chiara está incontactável.

A Irene pediu que repetisse. O som abafou-se enquanto ela atravessava outra zona. Ouvi passos rápidos, uma indicação sobre um projector e o estrondo seco de uma estrutura a assentar.

— Desapareceu?

— Faltou a três compromissos. Esteve em minha casa e saiu de madrugada. Deixou-me material de Tremezzo.

— Parem essa vara — gritou a Irene para a equipa. — Parem. Quem autorizou o movimento?

Vozes sobrepostas culparam o comando e uma marca errada. A Irene mandou desligar a alimentação e dirigiu-se à estrutura. O som dos passos mudou da madeira oca para cimento.

— Octávio, tenho gente suspensa a oito metros.

— Ligo noutra ocasião.

— Já ligaste nesta.

Esperei enquanto ela verificava a montagem. Dava indicações curtas: subir dez, imobilizar, testar, descer. Quem estava com ela entendia metade e perguntava o dobro. A Irene praguejou, retirou uma pessoa da zona e ordenou a repetição do teste sem carga.

Quando retomou a conversa, respirava depressa.

— Que material?

— Seis folhas corrigidas e uma imagem da infância. Tu apareces nas folhas.

— Eu apareço no teu livro desde que decidiste escrever aquela noite.

— A Chiara escreveu observações. Há outra mão.

— E ligaste para eu adivinhar uma caligrafia?

— A Chiara contactou-te nas últimas semanas?

A Irene chamou uma técnica e pediu fita branca.

— Há duas semanas.

— O que te disse?

— Foi pessoal.

— Falou de Tremezzo?

— Foi uma conversa comigo. Tu não a ouviste.

Ela começou a enrolar fita em torno de uma peça. O som surgia rente ao microfone, puxado e rasgado em segmentos.

— Quanto durou?

— Pouco. Desliguei porque tinha ensaio. Ela tentou outra vez nessa tarde. Eu estava ocupada.

— Parecia preocupada?

— Parecia a Chiara ao telefone. Escuta, vou mudar de canal.

A ligação ganhou um sopro eléctrico. A Irene chamou o chefe de produção, informou que a vara permaneceria imobilizada até substituírem uma peça e rejeitou o teste final sugerido. Repetiu "imobilizada" três vezes.

— Desculpa — disse eu quando ela regressou.

— Pelo quê?

A pergunta tocou várias dívidas. Peguei na menor.

— Por ligar durante a montagem.

— Pois.

Falei-lhe de AURORA. A Irene esperava que lhe entregassem uma lanterna e respondeu sem interesse.

— Não sei o que é.

— Nunca ouviste a Chiara usar esse nome?

— Pode ser uma coisa de família. Ou uma empresa. Eles dão nomes a tudo.

A lanterna iluminou o encaixe, a julgar pelas vozes em redor. Enquanto a Irene o examinava, eu quis ouvir uma hesitação útil. Ela estava concentrada na peça deformada.

— Uma das anotações muda a posição onde estavas — disse eu. — Outra corrige o modo como a Chiara organizou a noite.

— Organizou a reserva.

— Preparou o espaço para três.

— A reserva e a escolha são perguntas diferentes.

— Achas que ela sabia que ficarias?

— Tenho de largar.

Uma voz pediu-lhe opinião. A Irene mandou fotografar o encaixe para o relatório. Julguei que desligaria. Em vez disso, chamou-me pelo nome, já sem irritação.

— Houve outra coisa estranha.

Peguei no sobrescrito onde anotara os dados da recolha.

— O Grand Hotel contactou-me há poucos dias. Queriam confirmar registos velhos do concerto.

— Que registos?

— Credenciais, zonas autorizadas, horários. Cais de carga, plateia, palco. Confirmei o que pertencia à equipa. Acabou.

— Disseram para que servia a revisão?

— Auditoria interna, penso eu. A pessoa usou essa expressão. Passaram anos; achei esquisito.

— Tinham o teu contacto directo.

— Estava na ficha da produção.

— Perguntaram pela zona onde dormiste?

— Perguntaram pelos registos do concerto. Respondi sobre o concerto.

Um estampido metálico obrigou-a a afastar o aparelho. A Irene ordenou que libertassem o palco. Quando retomou a conversa, parecia exausta.

— Estás a juntar coisas.

— A Chiara entregou-me matéria sobre Tremezzo. Uma empresa tentou recuperá-la. O Grand Hotel reviu credenciais da mesma época.

— Eu contei o que aconteceu. A junção é tua.

— Posso ir ter contigo a Milão.

— Para quê?

— Para veres as correcções. Falamos sem esta confusão.

— A confusão é a minha profissão.

— Jantamos depois da montagem.

— Não.

Enquanto recusava, disse à equipa que a torre ficava assinalada e permaneceria imóvel até chegar a peça nova.

— Posso mostrar-te tudo no teatro.

— Podes aparecer se quiseres. Estou cá até ao fim da semana. Não saio para jantar e não te vou contar a vida da Chiara.

— Eu não te pedi isso.

A Irene soltou um som próximo de um riso.

— Tens razão. Pediste por partes.

Uma técnica chamou-a. A Irene precisava das duas mãos.

— Envia uma mensagem se vieres. Evita ligar para este número.

— Irene, a Chiara disse onde estava?

— Adeus, Octávio.

A ligação terminou. Mantive o aparelho junto à orelha. Na rua, duas crianças disputavam uma trotineta; o pai aguardava junto a uma farmácia, alheio à discussão. A vida delas tornou a minha urgência um pouco indecente.

Subi a casa e consultei os voos da tarde seguinte. Havia um directo para Milão. O formulário quis saber o motivo da deslocação para me sugerir alojamentos. Marquei lazer, corrigi para outro e apaguei a selecção.

Escrevi à Irene: "Chego amanhã. Vou ao teatro." Li duas vezes. Ela permitira que eu aparecesse. Isso ficava aquém de um convite.

Comprei o bilhete.

A confirmação surgiu enquanto retirava uma mala do armário. Separei duas mudas, um fato escuro e os artigos de higiene. Desci à garagem para trazer o casaco. Ao tocar no cerzido, senti o relevo que evitara abrir em Gaia.

Enviei a mensagem. Surgiu como entregue. Preparei a mala sem obter resposta da Irene. Depois baixei o ecrã do computador sobre o bilhete emitido. Eu decidira ir; o pagamento fez Milão parecer inevitável.

# 6

## *A COSTURA*

Aeroporto, avião e alojamento em Milão

No controlo do aeroporto pediram-me que retirasse o casaco da mala. A funcionária passou as mãos pela lã, deteve-se na zona baixa e mandou a peça seguir de novo pelo aparelho. Observei o contorno escuro no monitor sem conseguir extrair dele informação. O casaco saiu do outro lado mal dobrado dentro de um tabuleiro.

Alisei-o sobre uma bancada e repus as abas no sítio. O fio irregular desaparecia com a peça pendurada. Levei-a pela gola para o avião.

Durante o voo, mantive o casaco nos joelhos. A hospedeira ofereceu-se para o acomodar; agradeci e recusei. A lã retinha o odor neutro da limpeza e uma nota de tabaco, talvez da casa da Chiara. Passei a unha pelo cerzido. Sob a pressão, a camada interna cedia para uma cavidade estreita.

Em Tremezzo eu introduzira ali o marcador, empurrando-o até à bainha. Recordava a resistência da lã, a picada da agulha e o sangue no lenço. O aparelho continuava naquela cavidade quando regressei à suite Greta. Mais tarde, durante a operação ligada ao concerto, perdi o casaco de vista.

Chamo-lhe operação por hábito. Cada equipa tinha tarefas, credenciais e zonas delimitadas; a Irene ocupava-se da luz, outras pessoas moviam equipamento e hóspedes atravessavam áreas reservadas ao evento durante o dia. O casaco desapareceu durante um intervalo. Reapareceu pendurado no sítio onde eu julgara tê-lo posto.

Soube nessa ocasião que a peça fora mexida.

O cerzido mostrava fio de outra espessura e um alinhamento superior ao meu. Apalpei-o na casa de banho do estabelecimento, sozinho. O relevo circular desaparecera. Convenci-me de que a peça podia ter seguido para a lavandaria por engano, onde uma empregada reparara o rasgão; o marcador podia ter deslizado para outra zona. Parti sem abrir o pano. Nada contei à Chiara nem à Irene.

O avião inclinou-se sobre Milão. Acondicionei o casaco na mala e apertei as correias. Uma mulher ao meu lado perguntou se eu transportava uma peça delicada. Respondi que possuía valor afectivo. A expressão satisfez-nos e dispensou pormenores.

O alojamento reservado ocupava uma rua estreita, a uma distância razoável do teatro. O aposento oferecia uma cama, uma secretária, um lavatório e uma persiana que descia aos solavancos. Pousei a mala no suporte, pendurei o casaco e lavei as mãos.

A água saía morna. Dois sabonetes embrulhados e um copo de papel ocupavam o lavatório. Arrumei os artigos de higiene, acendi os candeeiros disponíveis e retomei a peça. A luz amarela bastava.

Trouxera de propósito um estojo de reparação. Estendi um pano branco sobre a secretária, dispus tesoura, agulha e fio e assentei por cima a secção a examinar. Sempre cuidara bem do vestuário. Desta vez, esse cuidado abria um esconderijo.

Cortei o nó acrescentado pela outra mão. Separei três pespontos. A abertura revelou uma abrasão oval na camada interna, uma mancha acastanhada junto à fibra e resíduos secos de cola. A cavidade onde o marcador estivera conservava a dimensão aproximada do aparelho. Encontrava-se desocupada.

Usei a luz do telemóvel. O roçar do disco durante o transporte podia explicar o desgaste. A mancha admitia cola envelhecida, sujidade ou produto de limpeza. Não possuía instrumentos nem competência para ir além do que via.

Passei o dedo pela fibra gasta. A peça mostrava duas intervenções: a minha, desajeitada e outra posterior, de mão desconhecida. Durante os anos que as separavam, eu calara o que sabia.

A Chiara conservara o casaco. Usara-o e mandara limpá-lo; talvez o examinasse. Podia ter descoberto a abertura e retirado o marcador. Outra pessoa podia ter feito o mesmo sem lhe contar. As marcas não indicavam autoria.

A possibilidade de a Chiara saber alterou a madrugada em Gaia. Ela vestira a peça durante pouco tempo, dobrara-a sobre o volume e saíra sem levar qualquer dos dois. Eu recebera o conjunto como incumbência ou confiança. Podia lê-lo de outro modo: vê o que escondeste; olha para o que preferiste omitir.

Sentei-me na cama. O aposento aquecia depressa e o sabonete deixara um perfume doce nas mãos. A rua atravessava a persiana em fragmentos: uma mota, talheres de restaurante, duas vozes numa discussão doméstica. A vida alheia prosseguia sem colaborar comigo.

A Irene dissera que eu juntava coisas. Fizera-o em Gaia, no aeroporto, no avião. A recolha, os registos de Tremezzo, as correcções, a cavidade no casaco: alinhei tudo segundo a leitura que me dava importância. A

Chiara queria que eu terminasse o que começara naquela madrugada junto ao cais.

Restava uma pergunta desagradável. Para me mobilizar, por que me entregaria matéria tão pobre em instruções? Para me acusar, bastava o vestígio. A recordação capaz de o completar já me pertencia.

Peguei na agulha, enfiei fio escuro e uni as duas bordas sem reproduzir o arranjo encontrado. Dei poucos pespontos, largos, com uma falha junto à extremidade. Dizia a mim mesmo que preservava a abertura para futuro exame. Ao mesmo tempo, decidia ocultar a descoberta.

Podia ligar à Irene, presente no teatro e avisada da minha chegada. Podia escrever à Chiara através dos três contactos inactivos e contar-lhe que abrira a peça. Podia informar a empresa de recolha da separação do volume e do casaco. Qualquer dessas acções exigia admitir o marcador e a omissão de Tremezzo.

Arrumei o estojo. Enrolei o fio excedente num cartão e limpei duas fibras escuras do pano. A secção aberta permaneceu voltada para cima. Passei-lhe a palma e senti a cavidade.

Em Tremezzo, ocultara um aparelho cuja função ignorava. Em Milão, reservei para mim informação que já podia partilhar. Dei-lhe o nome de prudência e preparei-me para encontrar a Irene.

Ao rematar, puxei em excesso. O fio partiu rente ao pano. A extremidade desapareceu na união, que se abriu um pouco, torta, pior do que eu a encontrara.

# 7

## *A CADEIRA VAZIA*

Milão, Fondazione Provera, sala de reunião e corredor

A colaboradora pôs um copo de água no assento destinado à Chiara, reparou no engano e levou-o para o aparador. Trocou-o por outro e prosseguiu a distribuição sem alterar a expressão. Em redor da mesa, os membros da Fondazione liam notas, corrigiam algarismos e discutiam projectos cujos nomes nunca ouvira. No lugar da filha do Provera havia um dossier por abrir.

Eu aguardava junto a uma estante. Tinham-me permitido subir devido à relação de anos com a família e à tolerância do Provera, que podia acabar quando lhe apetecesse. O edifício atribuía-me função nenhuma. A mulher da recepção lembrara-se de mim de duas cerimónias, telefonara para o piso de cima e dissera ao auscultador: "É o escritor português." Foi quanto bastou para eu passar.

O Provera presidia à reunião sem elevar a voz. Fazia perguntas curtas sobre prazos e compromissos. Quando uma exposição se prolongava, desenroscava a tampa da lapiseira, enroscava-a de novo e aguardava. Os outros abreviavam.

A falta da Chiara não suspendera um financiamento, uma revisão de contas, a renovação de dois mandatos ou a discussão acerca de um edifício cujo telhado precisava de obras. O dossier dela continuava junto ao assento desocupado. Uma tira verde assinalava uma secção. O Provera passou por ela ao trocar os documentos que tinha consigo e deixou-a intacta.

Eu chegara com uma pergunta repetida desde Gaia: onde está a sua filha? Ali dentro, a pergunta soava infantil. Havia verbas comprometidas, equipas dependentes, decisões adiadas por limites concretos. A Chiara podia faltar e continuar presente em rubricas, poderes de assinatura e alusões feitas por meias sílabas. O pai dirigia a actividade sem fingir que ela se sentava à mesa.

Uma colaboradora trouxe um maço de envelopes finos. Entregou um a cada membro, incluindo ao Provera e depositou outro sobre o dossier da Chiara. Um dos gestores rasgou o envelope e leu. O que estava à minha frente virou a folha para acertar a orientação. Li o cabeçalho de pernas